

# No Intenso Agora deste Maio

[documentário de João Moreira Salles]

Isabel Cristina Mateus  
University of Minho/CEHUM (Portugal)

Palavras-chave: No Intenso Agora, João Moreira Salles, Maio De 68, Ensaio, Cinema

Na sequência de uma iniciativa surgida no Porto há cinco anos, teve este fim de semana início em Braga, no espaço do antigo teatro do Liceu Sá de Miranda, a primeira edição do Desobedoc, mostra de cinema Insubmisso. Em boa hora, iniciativas como esta, vindas de onde vierem, não apenas porque vamos estando cansados da eterna repetição de filmes nas mais de vinte salas de cinema da cidade mas também da ausência de qualquer vento novo que sopra lá das bandas de Hollywood e se mostre capaz de nos despentear o pensamento. Isto sem falar de oportunidade de debate, coisa ainda mais rara entre nós.

Na noite de sexta-feira assisti ao belíssimo filme *No Intenso Agora* de João Moreira Salles (2016) que, por coincidência, acompanhava também a edição do jornal *Público* desse dia, segundo este, um “documentário sobre o movimento do Maio de 68”. Talvez por isso a minha primeira nota de leitura seja para sublinhar o objecto estranho e melancólico que este filme é, um objecto difícil de classificar que vai muito além do documentário histórico e social anunciado sobre os acontecimentos de Maio de 68, servindo antes o movimento ao realizador de pretexto para convocar memórias e o próprio gesto narrativo. Daí a perturbação e o fascínio que ao longo de duas horas este filme exerce sobre o espectador.



*No Intenso Agora* é, com efeito, um filme “intenso”. Não apenas porque o título o sugere, mas pela intensidade emotiva das imagens e pela in-tensão subliminar às dúvidas e interrogações que instala no presente, no aqui e no *agora* do filme e da sua recepção. Pela “intensão” interpretativa, quero dizer, pela busca de sentidos outros, de uma leitura não convencional ou oficial, simultaneamente distanciada e íntima, eminentemente subjectiva, sobre a revolta de 68 e a utopia de uma mudança cultural que deveria constituir-se como uma mudança de paradigma, da economia à política e às relações sociais.

O intenso agora que é a experiência deste filme passa em primeiro lugar pela *voz off* do narrador. Uma voz envolvente, serena, escorrendo um ténue fio de melancolia, uma voz que nos abre as portas do seu mundo privado e nos convida a folhear devagar o álbum de fotografias da família, as filmagens da mãe ou as páginas dessa grafia de imagens, desse diário íntimo que o filme fundamentalmente é.

Neste sentido, o filme acompanha o desenrolar da revolta estudantil desde o sobressalto inicial de Nanterre à euforia nas ruas de Paris, dá-nos a escutar o discurso incendiário e levemente (auto)humorístico de Daniel Cohn-Bendit, assim como nos dá *a ver* a onda de contestação burguesa e capitalista alastrando ao operariado e, sobretudo, *a ler* os sinais, já então visíveis, da transformação da onda insubmissa em mercadoria, desde os “*pavés*” das ruas, inflacionados no seu valor de mercado não pelas praias prometidas mas pela ousadia do arremesso revolucionário, aos *slogans* meticulosamente desenhados com o apoio de publicitários. A contradição e o *marketing* tomando conta do movimento.



As fotos de Cohn-Bendit em Berlim posando para um fotógrafo que lhe pagara a viagem são a esse nível bem eloquentes: não é o rosto de Bendit e uma mala de viagem que vemos junto às Portas de Brandenburgo mas o rosto (auto)constrangido do desencanto, a mala de uma viagem sem retorno, o *requiem* anunciado de uma revolta que não chegou a ser revolução. A voz do narrador é particularmente notável nesta leitura do invisível que as imagens desocultam, chamando-nos a atenção para os gestos e movimentos, os rostos, para o olhar da câmara fotográfica ou de filmar, para certos detalhes, fixando-os no tempo, suspendendo-os ou ampliando-os, e deste modo nos tornando cúmplices na grafia do diário íntimo que o filme configura. “*No Intenso Agora*” é, entre muitas outras coisas, uma extraordinária poética do olhar.

O filme de João Moreira Salles não se confina, porém, a uma dimensão documental, antes se constrói como peregrinação íntima aos lugares de memória identitária, como um ensaio de cariz autobiográfico (passe a redundância contida numa tal afirmação) que tem menos de exercício nostálgico do que desejo de releitura, de reencontro com o passado e de interrogação serena de um drama familiar. No cruzamento entre história e memória (e o que de ficcional o ensaio ou a autobiografia comportam, naturalmente). Daqui a estranheza mas também a perturbadora beleza deste filme. A sua intensidade.

Não se trata nem de um mero registo historiográfico nem de um registo testemunhal: o realizador, nascido em 62, era demasiado criança para “viver” os acontecimentos desse mês de Maio longínquo mas ver-se-á por eles arrastado no regresso precipitado dos pais ao Brasil (o pai, banqueiro, era então embaixador em Paris) e na mudança que de forma indelével inscreverão na sua vida.

As míticas imagens de arquivo de Maio de 68 cruzam-se deste modo com outras imagens, um labirinto de imagens sem o qual não é possível uma leitura do passado: imagens da invasão da Checoslováquia e o fim da Primavera de Praga nesse mesmo verão de 68, imagens da infância do realizador, na Europa e no Brasil e, muito especialmente, imagens do arquivo familiar: as imagens gravadas pela mãe durante uma visita turística à China (e ao Japão), dois anos antes, em plena Revolução Cultural.



O filme nasceu, diz João Moreira Salles, do encontro com estas imagens familiares. Nelas e através delas, o realizador se confronta com a memória da mãe, Elisa Gonçalves Moreira Salles, figura do *jet-set* brasileiro e internacional, uma das mulheres mais elegantes do mundo, a par de Jacqueline Kennedy. O oposto desse mundo anti-burguês e igualitário que os estudantes parisienses haviam ousado sonhar. Será esta mulher, longamente perseguida ao longo do filme pelo realizador, o fio de Ariadne neste labirinto de imagens, a ponte sentimental e narrativa entre elas.

Compreender os acontecimentos de Maio de 68 e a mudança silenciosa que eles significaram é indagar as raízes do desencanto que leva esta mulher ao suicídio vinte anos depois. É perceber a distância que vai da raiz da alegria que lhe encontramos no rosto nas imagens anteriores a Maio de 68 ao desalento que lhe dita o gesto trágico. Confrontar este suicídio com uma série de outras mortes ocorridas na sequência do abafar da Primavera de Praga e do sonho democrático. Perceber o que mudou, perdurou, se perdeu ou transformou pelo caminho, desde esses longínquos dias de Maio até hoje.



O filme não pretende dar respostas. A figura da mãe permanecerá enigmática, desde logo na sua visão estetizante, dir-se-ia a-política, da China (apesar do manifesto horror ao barulho dos altifalantes da propaganda maoísta), do modo como vê essa China impenetrável, a serpente da muralha, o bailado das mãos, a cor vermelha que lhe traz à memória a semana santa, um mundo tão diferente do confortável mundo burguês que era o seu. Visão que, de resto, o Japão acentua, com as suas paisagens de postal turístico, a serenidade dos lagos e a harmonia das suas construções. De que modo essa viagem e os acontecimentos de Maio terão feito estremecer o mundo ordenado e seguro que era o seu? Terão eles estado ou não na origem do seu desencanto? Da perda da alegria? Terão acordado nela algum desejo de liberdade ou de solidariedade? algum sonho de democracia?



O filho e narrador deste filme, esse, procura ler as imagens, sondá-las, interrogá-las, cruzá-las, interpretá-las, formular dúvidas e perguntas, para as quais sabe não haver uma resposta definitiva. Procura sobretudo conhecer as raízes do desencanto ideológico, na tentativa de desassossegar o nosso olhar sobre o passado mas também sobre o futuro, de inquietar a nossa percepção e memória.

Vindas de alguém que não tendo “vivido” os acontecimentos deles é testemunha, de alguém que pode interrogar os acontecimentos de Maio de 68 (e dos meses que se lhe seguiram) a partir *de dentro*, do sistema financeiro e burguês contra o qual Maio se rebelou e *do centro* de um drama familiar, estas dúvidas e interrogações não deixarão de interpelar o espectador. De o surpreender e, porventura, de o encantar. Porque “no intenso agora” deste Maio, cinquenta anos depois, é cada vez mais urgente visitar esses dias e pensar se estaremos hoje condenados à morte das utopias e à rendição de toda a alegria. Agora que “sous les pavés” parece já não haver praias, mas o imenso deserto de uma folha excel. As areias sujas de uma ignorada *off-shore*.